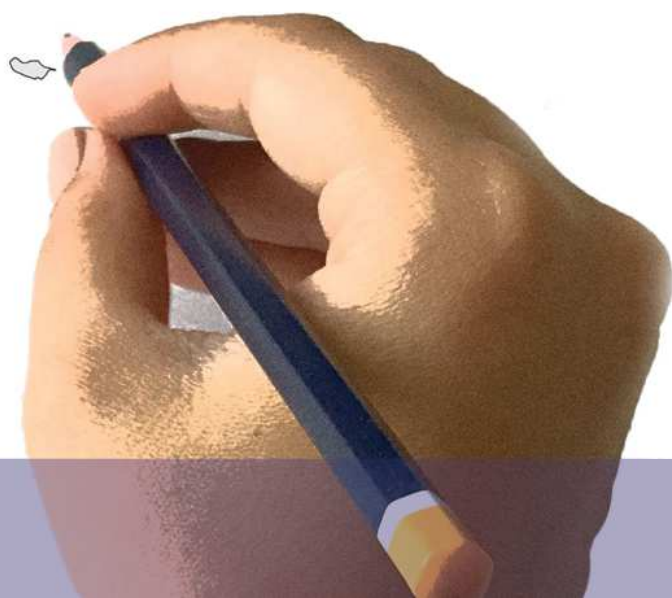


# EUROPA EDUCAÇÃO CIDADANIA



LILIANA RODRIGUES  
NUNO FRAGA  
(org.)

LILIANA RODRIGUES  
NUNO FRAGA  
(ORG.)

# **“Europa, Educação, Cidadania”**

1ª Edição - 2018

**Título**

Europa, Educação, Cidadania

**Organizadores**

Liliana Rodrigues & Nuno Fraga

**Edição**

Centro de Investigação em Educação – CIE-UMa  
Universidade da Madeira  
Campus da Penteada, 9020-105 Funchal

**Design Gráfico**

Énio Freitas

**Impressão e Acabamento**

Oficinas de São Miguel  
Outeiro de São Miguel, 6300-035 Guarda

**Tiragem**

150 Exemplares

**ISBN**

978-989-54390-0-3

**Depósito Legal**

[www.uma.pt/cie-uma](http://www.uma.pt/cie-uma)

© CIE-UMa 2018



Projeto UID/CED/04083/2019



FDCTI-RAM – CIE-UMa

---

---

## EDUCAR PARA A CIDADANIA NUM CONTEXTO GLOBAL – O DESPORTO COMO INSTRUMENTO DE ATUAÇÃO

---

**Helder Lopes<sup>1,2</sup>; Ana Rodrigues<sup>1</sup>; Ana Correia<sup>1</sup>; Ricardo Alves<sup>1</sup>; Catarina Fernando<sup>1,2</sup> & Élvio Gouveia<sup>1,3</sup>**

<sup>1</sup>DEFD, FCS, UMa. E-mail: hlopes@uma.pt

<sup>2</sup>CIDESD

<sup>3</sup>MITI

### INTRODUÇÃO

Educar é (ou deveria ser) desenvolver as capacidades e potencialidades de cada indivíduo, pelo que, num mundo globalizado e em acelerada transformação, é necessário que a Escola não continue entrincheirada nos seus muros e aprisionada em falsas seguranças.

Do conjunto de trabalhos que temos vindo a desenvolver nos últimos anos (por exemplo: Lopes, Vicente, Prudente, Simões & Fernando, 2016; Lopes, Vicente, Prudente & Fernando, 2015; Lopes, 2014; Lopes, Prudente, Vicente & Fernando, 2014; Lopes, Vicente, Simões, Barros & Fernando, 2013; Lopes, Fernando, Vicente & Prudente, 2011), foi possível constatar que, apesar de algumas exceções onde se procura promover uma rotura no processo pedagógico, generalizadamente temos uma Escola com:

- Uma estrutura organizacional (horários, turmas, órgãos de gestão ...) que não consegue dar resposta a dinâmicas pedagógicas centradas nos alunos;
- Currículos, programas e sistemas de avaliação centrados nas matérias e nos professores, onde a transmissão de conhecimentos assume grande predominância;
- Projetos educativos essencialmente decorativos e incoerentes com a prática;
- “Navegação à vista”, tutelada superiormente através de “despachos”, exercendo-se o poder através de processos burocráticos que deixam pouco espaço para a análise e reflexão;
- Preocupação desmedida com os exames, os rankings e o acesso ao ensino superior.

No fundo, uma Escola que continua a preparar para o passado onde, muitas vezes, impera uma espécie de lógica do “óleo de fígado de bacalhau” que as crianças eram obrigadas a tomar em meados do século passado. Ou seja, intragável, mas tem de se suportar em nome de um bem maior (o ordenado dos professores e o diploma e acesso ao ensino superior, por parte dos alunos).

Não é assim de estranhar, por exemplo, o mercado paralelo das explicações nas disciplinas com exame e o problema da falta de mobilidade social ao nível da formação. Ou seja, a estrutura em que assenta o atual sistema educativo e os processos pedagógicos que maioritariamente são implementados, continua a ajudar a perpetuar a injustiça e as desigualdades e, em muitos casos, a promover “desajustados sociais”, uma vez que não rentabiliza as capacidades e potencialidades dos alunos e dos professores.

### **O Desporto ao serviço da Escola e da Educação Física**

Em função das suas características específicas e da relevância social, económica e política, que tem no contexto europeu, o Desporto, enquanto matéria educativa, pode assumir-se como um poderoso instrumento de transformação da escola.

O Desporto, na sua diversidade, múltiplas vertentes e formas de expressão, é um meio privilegiado de solicitação de comportamentos que, por exemplo, desenvolve a autonomia, a criatividade, a capacidade de adaptação, a tomada de decisão em situações críticas, a solidariedade, o espírito de iniciativa, etc.

No fundo, o Desporto faz um conjunto de “agressões” que, se forem significativas (que aproximem dos limites), levam a adaptações que podem promover transformações duradouras.

Contudo, as atividades desportivas enquanto matérias educativas, não parecem ter conseguido assumir um papel transformador do processo pedagógico, tal como referenciámos anteriormente.

A título de exemplo, já todos ouvimos falar das famosas “faltas de bases”, onde, em todos os níveis de ensino, se alega que os alunos não vêm convenientemente preparados, pelo que, a ser verdade, tal pode ser considerado um indicador que “ninguém” está a fazer o seu trabalho convenientemente, ou então, cada um não quer assumir as responsabilidades de desenvolver as capacidades e potencialidades dos alunos, sejam elas quais forem.

Mas porque é que tal se passa? Vejamos, por exemplo: - Será que o programa é um empecilho pedagógico e metodológico? - Será que a formação de professores (inicial e contínua) é inconsequente e incompetente?

No que respeita ao programa, podemos ter leituras contraditórias, isto porque, ao declaradamente pretender ser “igual” ao das outras disciplinas, acaba por sofrer da mesma matriz centralizadora no professor e na matéria de ensino. Contudo, permite fazer uma série de opções pedagógicas que, se forem exploradas e implementadas, em muito poderiam contribuir para alterar o panorama dominante na Educação Física e muito possivelmente na própria Escola.

Isto porque, a título de exemplo, os princípios fundamentais da Educação Física no Secundário, apontam para: - a garantia de atividade física corretamente motivada; - a promoção da autonomia; - a valorização da criatividade; - a orientação da sociabilidade no sentido de uma cooperação efetiva entre os alunos. Existindo a preocupação de, explicitamente, realçar que os programas não substituem a capacidade de deliberação pedagógica do professor e que devem ser entendidos e utilizados como um guia para a sua ação. São inclusive dadas sugestões como a possibilidade dos professores aplicarem estratégias que juntem algumas turmas.

Ora, com o “manto protetor” deste tipo de “enquadramento conceptual”, facilmente se compreende o enorme leque de possibilidades que o professor e o grupo de disciplina têm ao seu dispor para implementar um processo pedagógico disruptivo com o *status quo* instituído e com um certo conformismo complacente, ou mesmo negligente, que mina a Educação Física e o sistema educativo em geral.

No que respeita à formação inicial de professores, apesar de estar condicionada e de certa forma formatada num quadro de referência que já não responde de forma adequada aos problemas que hoje se colocam, não respeitando a diversidade institucional (veja-se, por exemplo, o enquadramento legislativo que a baliza e a avaliação da A3ES a que está sujeita), ainda assim, as diferentes instituições de ensino superior têm, de certa forma, conseguido sair desse espartilho “legislativo” e operacionalizar (mesmo que de forma limitada) diferentes escolas de pensamento e opções pedagógico-metodológicas, nomeadamente ao nível do estágio onde, de forma contextualizada, existe uma implementação em contexto real de ensino

Já no que concerne à formação contínua, vive (sobrevive) essencialmente dos créditos que dá e de se constituir como um excelente momento de convívio para rever colegas e amigos ... ficando assim, muitas vezes, infelizmente demasiadas vezes, muito aquém de qualquer valorização formativa.

No entanto, e para aqueles que consciente e empenhadamente procuram uma capacitação atualizada e ajustada aos desafios que na escola constantemente enfrentam, espelhando as constantes mutações do contexto educativo, a formação contínua é, sem dúvida, para os que a frequentam com genuínas e legítimas expectativas de valorização profissional, um instrumento formativo essencial.

Considerando o que anteriormente referenciámos sobre a Educação Física, nem os programas, nem a formação inicial, parecem ser suficientemente relevantes para ajudar a ultrapassar e vencer a máquina trituradora de miúdos e graúdos que é a Escola. Por isso, temos de assumir que os programas e a formação inicial de professores, apesar de tudo, não têm cumprido plenamente o seu papel. Possivelmente por também não serem reforçados com uma verdadeira formação contínua, por exemplo, em contexto real de ensino, dando resposta ao

desenvolvimento das capacidades e competências de forma personalizada, respondendo aos problemas que se colocam em cada contexto específico.

De uma forma sucinta, diremos que temos fundamentalmente duas lógicas de atuação para modificar o quadro atual: 1- Rentabilizar o que existe; 2- Promover uma rotura

Apesar de defendermos uma rotura, enquanto docentes com responsabilidades no Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário e responsáveis pelo estágio pedagógico, compete-nos criar condições para que se possa atuar aos dois níveis ...

Dessa forma, decidimos, no âmbito do referido Mestrado, enveredar por um projeto de investigação, “Educação Física nas Escolas da RAM – Compreender, Intervir, Transformar” (EFERAM-CIT), numa parceria com a Secretaria Regional da Educação da Madeira, que permite, aos investigadores/professores, a opção por uma das duas hipóteses. Sem esquecer que Kuhn (1962), já há mais de cinco décadas, nos alertava para o facto de que a mudança de paradigma implica o abandono da investigação que é feita no anterior contexto.

Com o EFERAM-CIT pretendemos promover um conjunto de estudos e análises, em contexto ecológico e laboratorial, que contribuam para potenciar o valor educativo da Educação Física enquanto meio de transformação dos alunos.

Na atual fase de desenvolvimento, os nossos objetivos são: (1) identificar preditores da motivação em crianças e adolescentes relativamente à Educação Física e atividade física em geral; (2) descrever as relações entre o nível de participação nas atividades físicas e desportivas, os fatores de risco para a doença metabólica (obesidade, diabetes, hipercolesterolémia) e a saúde e bem-estar geral; (3) desenvolver e testar tecnologias interativas, capazes de recolher informação a partir de sensores tecnológicos, para monitorizar e proporcionar biofeedbacks, ajudando os adolescentes a serem mais ativos, mas também auxiliando os professores de Educação Física a melhor individualizar a oferta educativa; (4) avaliar o efeito de programas de intervenção baseados em modelos de ensino centrados no aluno e na motivação para a Educação Física e para a atividade física e desportiva em geral; e (5) avaliar o efeito das tecnologias interativas na estimulação do interesse das crianças e adolescentes nas atividades físicas e desportivas, assim como na motivação para a adoção de um estilo de vida fisicamente ativo.

Em síntese, a nossa motivação centra-se fundamentalmente na melhoria da Educação Física, promovendo, a qualidade da atividade física e desportiva numa perspetiva de educação para a saúde, na promoção da autonomia, a valorização da criatividade e orientação para a sociabilidade, com o objetivo de ajudar a formar

Homens que tenham capacidades e competências para atuarem num mundo global em constante mudança.

Como exemplo de operacionalização do que está a ser implementado, em contexto real de ensino em cinco escolas do ensino básico e secundário (envolvendo aproximadamente 330 alunos e 20 docentes, em cada ano letivo), ao nível da avaliação do efeito de programas de intervenção baseados em modelos de ensino centrados no aluno e na motivação para a Educação Física e para a atividade física e desportiva em geral, gostaríamos de referenciar a implementação do Modelo de Educação Desportiva (MED) proposto por Siedentop, Hastie & Mars (2004, 2011).

O MED tem sido implementado em várias matérias, nomeadamente na Ginástica e em alguns desportos coletivos (Futebol, Andebol, Voleibol e Basquetebol), onde um conjunto de aulas de Educação Física (20h) é organizado numa lógica de época desportiva. Ou seja, com pré-época, época e pós-época, onde são utilizados, por exemplo, jogos reduzidos, torneios sem caráter eliminatório, eventos culminantes, permitindo que todos os alunos vivenciem todos os papéis, uma vez que para além de jogadores, os alunos vivenciam situações como ajudantes de treinadores, árbitros, preparadores físicos, organizadores de eventos, marcadores, dirigentes da equipa, publicitários, etc.

Uma vez que os diferentes programas de intervenção realizados nas aulas, como o MED, têm uma dinâmica interdisciplinar e são monitorizadas e avaliadas através de instrumentos validados e de equipas devidamente treinadas, os resultados obtidos irão permitir tirar conclusões que nos auxiliarão na transformação do processo pedagógico, não só ao nível da Educação Física mas também da Escola como um todo, pois, tal como nos diz Hacking (1992), os instrumentos podem ajudar a modificar quadros teóricos enraizados...

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Formadas e muitas vezes, demasiadas vezes, formatadas por um processo pedagógico centrado em falsas certezas, é natural que os diferentes implicados no sistema educativo se sintam confortáveis e conformados com receitas estereotipadas e soluções pré-formatadas. Assim, jogando com essa apetência, optamos por oferecer aquilo que, numa primeira vista, é percecionado como sendo receitas (programas de intervenção). Contudo, são instrumentos de gestão que, mesmo quando se tentam reproduzir, “ganham vida própria” e são polos atratores de dinâmicas que saem das baias compressoras de processos centrados nas matérias e nos professores.

Contribuímos, assim, para a promoção da atividade física ao longo da vida, não através de estratégias de "intimidação" – “Vais ficar doente ...” “Tens de ...”

(muito pouco eficazes em adolescentes que se sentem eternos), mas, pelo contrário, trabalhando em cima das capacidades e potencialidades de cada aluno, desenvolvendo a autonomia, a criatividade, o espírito crítico, a capacidade de adaptação, a tomada de decisão em situações críticas, a solidariedade, tal como referenciámos anteriormente. Até porque não nos devemos esquecer que o próprio conceito de saúde, tal como é definido pela OMS desde 1946, não significa apenas a ausência de doença, mas um estado de completo bem-estar físico, mental e social.

Consideramos que as pessoas têm de ter informação, conhecimentos e sabedoria para saber escolher entre diferentes alternativas e responsabilizar-se pelas escolhas que fazem. Devem colher os benefícios e/ou pagar a fatura não só do ponto de vista económico-financeiro, mas também, por exemplo, nas suas múltiplas vertentes bio-psico-socio-culturais.

Ora, o Desporto, enquanto matéria educativa, permite que, em tempo útil, se tenha todo este processo que temos vindo a defender. A competição contextualizada leva-nos a explorar os limites, e não podemos esquecer que, para evoluirmos, temos de nos aproximar e, por vezes, ultrapassar esses limites ...

Assumindo um discurso com percurso, sem demagogias e aventureirismos, é possível utilizar a Educação Física enquanto ferramenta pedagógica de uma Educação para a cidadania num contexto global em tempo de acelerada mudança e imprevisibilidade.

Não podemos continuar indiferentes a uma Europa sem identidade que, em muitas áreas, nomeadamente na Educação, por vezes parece querer formatar de “régua e esquadro”, em vez de potenciar a diversidade e especificidade de cada país, região, local, instituição ....

Desta forma, pensamos estar a dar o nosso modesto contributo para que cada um possa e deva fazer a sua parte e assumir as responsabilidades inerentes às funções que desempenha, seja enquanto cidadão, encarregado de educação, aluno, professor, dirigente, político...

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Hacking, I. (1992). Refazer o Mundo. In *A Ciência como Cultura* (pp. 104-118). Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

Kuhn, T. (1962). *The structure of scientific revolutions*. Chicago: The University of Chicago Press.

Lopes, H. (2014). O PNEF – Instrumento Facilitador ou Inibidor da Rotura no Processo Pedagógico? In Lopes, H., Gouveia, R., Alves, R. & Correia, A. (Coord.). *Problemáticas da Educação Física I* (pp. 116-121). Funchal: Universidade da Madeira. ISBN: 978-989-8805-00-3.

Lopes, H., Fernando, C., Vicente, A. & Prudente, J. (2011). A Função do Docente de Educação Física. In Albuquerque, A., Pinheiro, C., Santiago, L. & Fumes, N. (Coord.). *Educação Física, Desporto e Lazer – Perspectivas Luso-Brasileiras* (pp. 235-243). Maia: Edições ISMAI. ISBN: 978-972-9048-57-9.

Lopes, H., Prudente, J., Vicente, A. & Fernando, C. (2014). Uma Mudança Coerente no Ensino Superior – A Ferramenta Processo Pedagógico. *Revista da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto*, 1(5), 55-60.

Lopes, H., Vicente, A., Simões, J., Barros, F. & Fernando, C. (2013). A Funcionalidade do Processo Pedagógico. *Revista da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto*, 1(2), 54-65.

Lopes, H., Vicente, A., Prudente, J. & Fernando, C. (2015). As macro opções da escola – O discurso e o percurso. In Fraga, N. & Kot-Kotecki, A. (Orgs.). *A Escola Restante* (pp. 124-131) Funchal: CIE-UMa. ISBN: 978-989-95857-6-8.

Lopes, H., Vicente, A., Prudente, J., Simões, J. & Fernando, C., (2016). Contributos para a rotura do processo pedagógico – Operacionalização ao nível do Atletismo e do Judo em contexto escolar. In *Atas do Seminário Desporto e Ciência 2016* (pp. 10-15). Funchal: Universidade da Madeira. ISBN: 978-989-8805-11-9.

Organização Mundial de Saúde – OMS (1946). Preâmbulo da Constituição da Organização Mundial de Saúde (22 de Julho de 1946) retirado em 30 de setembro de 2017 de <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html>.

Siedentop, D., Hastie P. A. & Mars, H. (2004). *Complete Guide to Sport Education*. Champaign, IL: Human Kinetics.

Siedentop, D., Hastie P. A. & Mars, H. (2011). *Complete Guide to Sport Education*, Second Edition. Champaign, IL: Human Kinetics.